

Ricardo Carvalho Calero [1910-1990]



O galego é galego-português ou galego-castelhano. Nom há outra alternativa



Ricardo Carvalho Calero [1910-1990]

O galego é galego-português ou galego-castelhano. Nom há outra alternativa



Esta exposición quer contribuir para dar a coñecer umha das maiores figuras intelectuais da Galiza do século XX, coincidindo com o 1º centenario do seu nascimento, acontecido em Ferrol no ano 1910.

Ricardo Carvalho Calero [1910-1990] foi um meritório autor literário, que cultivou todos os géneros, desde a poesia ao teatro, passando polo teatro, a novela e o romance. Além disso, destacou como investigador da nossa história literária e lingüística, convertendo-se no elo de unión entre a geraçom nacionalista que nos anos 20 e 30 trabalhou pola construçom nacional galega e a que retomou a luita polos direitos nacionais e lingüísticos no fim da ditadura franquista.

A sua vida e a sua obra daria para um estudo muito amplo, que incluisse o seu activismo juvenil no movimento nacionalista e de esquerda, a sua luita antifranquista no exército republicano, a prisom, o trabalho docente e investigador, bem como a sua inquebrantável autonomia dos poderes político-institucionais nascidos com o autonomismo dos anos 80.

Nesta ocasiom, vamos apenas ficar num dos seus campos de estudo e trabalho: o de defesa do nosso idioma com umha perspectiva de soberania frente ao bilingüismo e ao isolacionismo promovonados polo regime constitucional espanhol surgido em 1978.

A sua defesa da unidade lingüística galego-portuguesa caminhou nas décadas de 70 e 80 de maos dadas com a firme denúncia da posiçom subalterna reservada polo poder político autonómico ao nosso idioma. Por isso Carvalho Calero foi condenado pola oficialidade, nos seus últimos anos, ao ostracismo que já vivera durante o franquismo pola sua condiçom de republicano e nacionalista galego.

Num momento em que o mesmo neorregionalismo que Carvalho denunciou volta a atacar com a máxima virulência a nossa condiçom lingüística e nacional, da Fundação Artábria quigemos recuperar umha série de textos que sintetizam o pensamento lingüístico de Ricardo Carvalho Calero, um dos grandes do século XX galego.

Além de outras possíveis consideraçons, destaca em todos eles a absoluta vigência das ideias expostas, apesar de ter decorrido entre 25 e 30 anos desde que fórom escritos.



Ricardo Carvalho Calero [1910-1990]

A língua, factor ecológico

No caso galego, o idioma apresenta –como ocorre noutros meios geográficos ou puramente sociológicos– um valor de peculiar significación, enquanto é síntese, símbolo e reflexo da identidade do povo que o criou, sacramento –diríamos–, selo e carimbo da nacionalidade, que num momento em que esta pugna por calhar em estruturas jurídicas e se sente ameaçada por unha degradação das suas essências, assume a función de muro defensivo da alheação, de unha parte, e de ponta de lança, por outra, na luta pola reintegração da personalidade colectiva, cuestionada, agredida, deteriorada ou desvirtuada pola adversidade histórica. Quero dizer que a língua, no caso que nos ocupa, é assemade agarimo de tradición e arma de progreso, já que a sua existência é testemuno de persistência da cultura autóctone, mas, ao mesmo tempo, se nos oferece como energia, como capacidade dinámica de projecção, de unha força autêntica de continuidade e evolución da mesma cultura.

Do galego e da Galiza (1984)



Galego, objecção de consciência

Que sentido pode ter a obrigatoriedade do ensino na nossa língua s enom cabe o dever de conhecê-la por parte dos galegos? E que sentido tem que a nossa língua seja língua oficial na Galiza se nom temos porque conhecê-la os que a temos por língua oficial? Que significa que o galego é língua própria da Galiza se nom rege o dever de conhecê-la e, portanto, o de estudá-la? Umha língua oficial que nom há obriga de conhecer bem, portanto, esudar, como funcionaria oficialmente? A língua oficial nom é precisamente a que nom podem escusar-se de conhecer os sujeitos à correspondente ordenação jurídica? Se eu nom tenho o dever de conhecê-la, como o meu filho vai ter o dever de estudá-la? E se ninguém tem o dever de conhecê-la, nem de estudá-la, porque se chama língua oficial? Porque podo usá-la, se quero, perante as autoridades autonómicas? A isso se reduz a sua cooficialidade?

Segundo tal critério, na prática o galego seria umha língua para objectores de consciência. O galego seria no seu uso umha objecção de consciência. Assim como aos sequazes de certas seitas religiosas se lhes dispensa o uso das armas, assim aos sequazes da seita galeguista se lhes dispensaria o uso da língua estatal.

Umha voz na Galiza (1983)



Ricardo Carvalho Calero [1910-1990]

Bilingüismo e bigamia

O bilingüismo individual é umha realidade cultural hoje imprescindível. Mas um povo nom pode ser logicamente bilingue, como um individuo nom pode ser legalmente bigamo. Um povo nom pode usar indiscriminadamente duas línguas. Essa seria umha situação anti-económica e anti-higiénica. Representaria umha dicotomia mental e umha volubilidade que nom suporia enriquecimento, senom incongruência e desordem. Essa situação nom é estável, e essa instabilidade teria que desembocar na monarquia daquela das duas línguas que possuísse maior potência social. É o caso da nossa terra. Entrementes, o que funciona é umha baixa diglossia, na qual existe umha língua alta e umha língua baixa, situação que tem que resolver-se com a eliminação da língua menos rendível. O equilíbrio da cooficialidade pode dar-se como custosa prática nos boletins impressos polas autoridades. Mas o uso igualitário é umha utopia. Há individuos polilíngües, mas um bilingüismo a nível de povo, de nação, seria patológico.

Umha voz na Galiza (1984)

Política lingüística

Constata-se recuperaçom que todos desejamos há de vir impulsionada por umha ampla mobilizaçom popular. Os postulados que contemplam a normalizaçom lingüística precedem à legislaçom e esta avança ao ritmo do pulo popular. As distintas legislaçons que actualmente regulam o tratamento da língua de cada nacionalidade, som insuficientes. O Governo central manifesta escassa sensibilidade neste tema, e os governos autónomos adoptam medidas pouco decididas, que nom facilitam a recuperaçom a curto prazo.

Em cada nacionalidade, a língua e os conteúdos da educaçom tenhem de ser os próprios seus. A manutencom da unidade cultural segundo a área lingüística é imprescindível para a sobrevivência de cada umha das respectivas línguas.

Do galego e da Galiza (1984)



Ricardo Carvalho Calero [1910-1990]

Nom estamos sós

As fronteiras políticas nom podem impor estranjería a formas dialectais, ou simples falas, do mesmo idioma. O labordano é basco, o roselhonês é catalám, o aranês é gascom, o valom é francês, o flamengo é neerlandês, como o mexicano e o argentino som espanhol.

Nestas condições, o galego nom pode viver de costas ao português, pois o Minho nom é umha fronteira lingüística...

Do galego e da Galiza (1984)



Nom gostaria que a ortografia galega permanecesse indefinidamente tutelada pola castelhana ou lançada a solitários experimentos, fazendo uso dum arisco espírito de insularidade dentro do mundo románico, e desconectando-se, nom só do seu codialecto o português, mas mesmo da sua própria história. Como nom se creia que a sua história é a história dos séculos em que viveu a-historicamente.

Da fala e da escrita (1979)



Ricardo Carvalho Calero [1910-1990]

O isolacionismo

Muitos séculos de castelhanização tenham influído na mentalidade dos galegos de tal jeito que mesmo os galeguistas mais radicais revelam às vezes o seu castelhanismo no seu radicalismo. O nacionalismo linguístico que propugna o isolamento do galego, parece inconsciente manifestação de vassalage ao ponto de vista centralista castelám. [...] Nom é sensato ignorar o português quando se trata de ordenar o galego. Muitos dos problemas que causam a perplexidade dalguns escritores

galegos, fôrom resolvidos polo português em forma perfeitamente aceitável para nós. Andar ensaiando soluçons que há tempo fôrom contrastadas e seleccionadas polos nossos vizinhos, é jogo pueril ou cerril, ditado por umha indiferença ou umha xenreira perante o português, que parece resultado da inoculação de um vírus preparado por inimigos da sobrevivência do nosso idioma.

Problemas da língua galega [1981]



Galego-português ou galego-castelhano

A postura antilusista, ou seja separatista, ou isolacionista, tem sentido desde umha perspectiva castelhanista. O que estime que o galego é umha antigualha inservível, ou simplesmente um expediente antieconómico, ou um insidioso atentado contra a unidade nacional, deve ser antilusista e antigaleguista; deve confessar-se abertamente castelhanista em matéria idiomática. A mim semelha-me mui-razoável a postura que cuide anacrónico o uso do galego, sempre que chamemos anacronismo todo intento de restauraçom, e antieconómico todo esforço que suponha um esforço superior ao mínimo. É evidente que o uso do galego supom um esforço suplementar, e que se o suprimíssemos aforrariamos fluído mental. A necessidade do galego, evidentemente, nom se sente no ventre, como dizia Castelao. Mas se por motivos sentimentais ou políticos elegemos conservar a nossa identidade idiomática, temos que correr todos os riscos e arrostar todas as conseqüências. Nom podemos contentar-nos com um galego popular construído exclusivamente a base do galego-castelhanizado de hoje.

Da fala e da escrita [1981]



Ricardo Carvalho Calero [1910-1990]

O país que nom sabia como se chamava

[...] Ao desaparecer o cultivo literário do galego, desapareceu da fala residual o nome auténtico do país, e, como ocorreu com tantas outras designativas de conceitos de direito público civil ou canónico, a palabra galega foi substituída pola castelhana, temos modernamente *Galicia* -como *Dios*- no galego vulgar. Ao restaurarmos a língua literária, debemos restaurar *Galiza* como *Deus*, que é o que achamos na escrita histórica...

Umha voz na Galiza [1984]

“Galicia oficial” – Galiza real

[...] Todo o mundo sabe que eu professo em matéria lingüística as ideias tradicionais, as ideias de Castela, e como estas ideias som contrárias às ideias que reinam no mundo oficial, no aspecto cultural, pois, nom tenho muito predicamento, ao parecer, dentro dessas esferas. Consideram-me como um herege, como um cismático, ou como um corruptor da mocidade e excluem-me positivamente dos organismos oficiais.

Entrevista na revista “O ensino” [1987]

